

Algumas palavras a respeito dos limites do movimento estudantil

Marcos Antonio de Menezes

É jornalista, doutor em História pela UFPR. Autor de *Olhares sobre a Cidade*. São Paulo: Cone Sul, 2000. É membro do conselho editorial das revistas *ArtCultura* e *Guaiás*. É professor Prodc/Capes do Programa e Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás. Pitymenezes@aol.com

Resumo

Este artigo faz uma breve análise crítica da história do Movimento Estudantil no Brasil. Discute o lugar do Movimento Estudantil na história das lutas do povo brasileiro e faz objeções àqueles que o elegeram o grande timoneiro da Revolução socialista. É necessário entender que o Movimento Estudantil faz parte de um todo e se não houver a devida articulação com o movimento dos trabalhadores ele se perderá nas lutas específicas dos estudantes.

Palavras-chave: Movimento Estudantil. Brasil. Lutas Sociais.

Abstract

This article brings a brief critical analysis of the history of the Students' Movement in Brazil. It discusses the place of the Movement in the history of the fights of Brazilian people and it makes objections to those that chose it the great steersman of the socialist Revolution. It is necessary to understand that the Student's Movement is part of a whole context and if there isn't the proper articulation with the workers' movement it will be lost in the specific fights of the students.

Keywords: Students' Movement. Brazil. Fights.

A história recente do Brasil foi marcada pela forte repressão militar do regime de exceção instalado com o golpe de 1964, mas também foi marcado pela luta de vários grupos em prol da redemocratização do país. Entre os grupos que se lançaram na luta pela volta da nação ao regime de direito, os estudantes se destacaram e por isto o Movimento Estudantil foi extremamente perseguido e teve sua ação cerceada e reprimida pelo governo militar.

José Luiz Sanfelice afirma que:

quando os estudantes (...) passaram a sofrer muitos ataques da reação que se desencadeou pós 64, começaria a se configurar um período de relações extremamente conflituosas entre estudantes e governos (...). Por outro lado, paralelamente à repressão, os governos militares

*e os grupos sociais que representavam, empenharam-se numa tarefa obsessiva, visando o controle, a manipulação ou a redefinição do movimento estudantil.*¹

Com o golpe de 64 o Movimento Estudantil que tinha papel de destaque no governo Goulart perdeu este espaço e o novo governo tomou medidas para controlá-lo. Mas os estudantes não se intimidaram e passaram a fazer oposição ferrenha ao novo governo.

No período que vai de 64 até fins da década de 70 o Movimento Estudantil lançou-se contra a ditadura e foi por ela duramente rechaçado. Centenas de estudantes foram assassinados pelos militares no poder. "A gente vai contra a corrente até não poder resistir, na volta do barco é que sente o quanto deixou de cumprir".²

¹ SANFELICE, José Luiz. *Movimento Estudantil: A UNE na resistência ao golpe de 64*. São Paulo: Cortez, 1986, p. 30.

² HOLANDA, Chico Buarque. *Roda viva*.

Quanto mais o Estado de Segurança Nacional ia se institucionalizando, os “Revolucionários de 31 de Março” encontraram nos estudantes um dos principais focos de resistência e de denúncia de seus atos.

A repressão foi violenta e quase que conseguiu calar os estudantes, porém entre os anos de 1975 a 1980, eles voltaram a cena política nacional. Grandes manifestações de rua ocorreram, em todo o país, no ano de 1977. Estados como São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul foram os lugares onde o Movimento Estudantil se encontrava mais fortalecido. A partir de 1980 as entidades estudantis começam a ser reconstruídas e os estudantes novamente invadem as ruas para confirmar a abertura democrática que eles ajudaram a fomentar:

Você corta um verso, eu escrevo outro, você me prende vivo, eu escapo morto. De repente... olha eu de novo perturbando a paz, exigindo o troco. ³

Durante a década de 80 a luta pela reconstrução das entidades parece ter levado os estudantes para a luta interna e, principalmente, os secundaristas viveram momentos de grande refluxo em suas organizações.

Diante desse quadro, cabe algumas perguntas, que considero revelantes: qual o papel dos estudantes na construção de uma sociedade sem explorados? Qual o significado de sua luta ?

Desde Bakunin até nossos dias, vários teóricos tentam transformar os estudantes naquilo, que ao meu ver, não são: os redentores da sociedade, os revolucionários por excelência.

Em “*Estatismo e Anarquia*”, Bakunin, polemizando com Marx, exprime-se a esse respeito colocando os estudantes como os dirigentes, os professores dos operários pobres, do proletariado em andrajos. Os estudantes

lhe trazem conhecimentos positivos, métodos de abstração e de análise, assim como a arte de se organizar e de construir alianças que, por seu

turno, criam essa força combatente esclarecida sem a qual a vitória é inconcebível. ⁴

Considerando os trabalhadores incultos e com a necessidade de chefes, Bakunin escolhe os estudantes para dirigi-los. Seu método é idealista, mas não é o único a colocar nas mãos dos estudantes a tarefa de fazer a revolução socialista. Relembrando a greve estudantil de maio de 68 na França um dos principais líderes do movimento Cohn-Bendit copia seu mestre:

É importante que se diga alto e em bom som: em maio de 68, na França, o proletariado industrial não foi a vanguarda revolucionária da sociedade, constituiu-se, antes, em sua pesada retaguarda. (...) Os estudantes, na sua maior parte, não são pobres; a contestação visa a estrutura hierarquizada, a opressão no conforto. (...) Os estudantes revolucionários podem desempenhar um papel primordial no combate. ⁵

Por parte de Colm-Bendit a intenção é de reintegrar o trabalho intelectual no trabalho produtivo, a transformação das capacidades intelectuais dos homens em principal força produtiva da sociedade. Para Marx a noção de forças produtivas engloba o homem como força produtiva principal. Ao transformar o trabalho intelectual em força produtiva, negam, o homem, como tal e esquecem que o capitalismo é de uma estabilidade a toda prova. Ao transformar os estudantes em revolucionários por excelência negam a principal afirmação de Marx: a hegemonia do proletariado na revolução.

Luiz Carlos Bresser Pereira, ex-ministro do PSDB, social democrata - em seu livro lançado em 1979 “*As Revoluções Utópicas*”, também elege os estudantes como os revolucionários por excelência.

A revolução política radical de nosso tempo é a revolução estudantil, ou melhor, é a revolução dos estudantes e dos intelectuais não comprometidos. São os estudantes e os intelectuais não comprometidos o grupo revolucionário por excelência (...) Não

³ TAPAJÓS, Maurício & PINHEIRO, Paulo César. *Pesadelo*.

⁴ BAKUNIN. *Estatismo e Anarquismo*. Apud. BLOCH, Gerard. *Marxismo e Anarquismo*. São Paulo : Kairós, p. 11.

⁵ COHN-BENDIT, Daniel. *Le Gauchisme* : remède à la maladie sénile du communisme. Paris : Seuil, 1968, p.125.

são mais os operários, como pretendia Marx no século passado, a classe revolucionária. Não é mais do proletariado, que se pode esperar a revolução. Esta, quando e se ocorrer, terá origem nos estudantes e nos intelectuais não comprometidos. ⁶

Bresser afirma ainda que, os proletários, hoje, têm um bom padrão de vida na maioria dos países e, por isto, são acomodados, tornando-se os ex-revolucionários. Para ele as conquistas trabalhistas os fizeram acomodar. Bresser não só nega a revolução via proletariado, mas também a nega via camponeses, pois são pequenos proprietários também acomodados e nos países mais pobres miseráveis e analfabetos.

Já os estudantes para ele são revolucionários, porque questionam toda a sociedade em seus movimentos e não só a educação.

Mas, num instante, sob a orientação das lideranças radicais, que encontram um ambiente propício para se tornarem efetivas, o escopo de protesto amplia-se. Toda a sociedade é denunciada. Nada fica de pé. ⁷

O ex-ministro de FHC conclui que:

a crítica do estudante tem portanto um sentido total: nega toda a sociedade, nos termos em que ela está hoje organizada. Nestes termos, o grupo estudantil tem um primeiro predicado para substituir-se aos operários como grupo revolucionário: tem objetivos revolucionários. ⁸

Esses teóricos pretendem, todavia, demonstrar que os intelectuais desempenham nessa sociedade um papel novo e determinante, que os estudantes são a vanguarda, e que a classe operária, não é mais a classe revolucionária? Estas críticas:

procedem de uma mesma incompreensão, fundamental, da nação marxista de forças

produtivas de uma mesma substituição do método materialista de Marx por um método idealista. Eis porque colocam os estudantes à frente de uma revolução que consiste em "criticar" os nobres da sociedade atual - uma revolução na idéia, uma idéia de revolução - e não, tendo à frente os produtores, em apoderar-se dos meios de produção, abrindo a via, por esse modo, à reconquista total das forças produtivas, à transmutação das forças produtivas da humanidade em forças produtivas humanas, orientados não mais para a produção de valores-de-troca, mas de valores-de-uso, de riquezas, de bens suscetíveis de satisfazer sem limites as necessidades materiais e espirituais dos homens. ⁹

Não é minha pretensão ficar aqui fazendo a defesa da tese marxista da hegemonia do proletariado na revolução socialista, na verdade quero mostrar a importância do Movimento Estudantil e seu lugar na história.

É necessário entender que o Movimento Estudantil faz parte de um todo e se não houver a devida articulação com o movimento dos trabalhadores ele se perderá nas lutas específicas dos estudantes.

*A 'práxis' estudantil é determinada pela situação de classe dos estudantes; isto é, devido à vinculação que os estudantes mantêm com os setores médios em processo de ascensão na sociedade, sua 'práxis' ficara sempre nos limites das aspirações da pequena burguesia. Mas ainda, mesmo quando essa práxis assume características de radicalização, isso não significa que se configure aí uma situação revolucionária, mas, pelo contrário, como já foi apontado, trata-se de 'um radicalismo pequeno-burguês, a seu modo autêntico, que faz as vezes de força revolucionária'.*¹⁰

Nesse caso o Movimento Estudantil é uma ação da pequena burguesia. Na verdade as reivindicações

⁶ PEREIRA, Luiz Carlos Bresser. *As Revoluções Utópicas: a revolução política na igreja, a revolução estudantil*. Petrópolis: Vozes, 1979, p.83-4.

⁷ *Idem*, p. 92.

⁸ *Idem*.

⁹ BLOCH, Gerard. *op. cit.*

¹⁰ CAVALARI, Rosa Maria F. *Os Limites do Movimento Estudantil-1964-1980*. Tese de Mestrado - UNICAMP, 1987, p. 276.

que os estudantes levavam em suas bandeiras é a da classe média. Em determinados momentos, há a radicalização e toda a estrutura social é questionada. Nesse momento se torna necessário as palavras de ordem corretas para saber unir-se ao resto dos explorados com o objetivo de impulsionar a luta por uma nova ordem. O Movimento Estudantil como resultado da classe média afasta-se do proletariado, comprimindo-se entre as contradições do sistema. Estes movimentos não possuem um estilo de atuação e nem uma perspectiva imediata de futuro.

Oscilando entre a burguesia e o proletariado, o Movimento Estudantil acaba em reivindicações circunstanciais. Pregam a transformação da sociedade dentro dos limites da pequena burguesia. Na verdade, os estudantes querem negar a burguesia e não um engajamento revolucionário, mesmo nos momentos de maior radicalidade. O Movimento Estudantil representa nos momentos mais radicais, uma possibilidade de rompimento com as forças tradicionais.

Quando os estudantes fizeram greve para impedir que o governo votasse no Congresso Nacional o projeto da LDB do Senador Darci Ribeiro, esta ambigüidade ficou latente. Eles estavam interessados em manter sua situação de já universitários e não em abrir a universidade para todos, pois para tal é preciso transformar o governo e o modelo social que aí está.

A reforma universitária reivindicada no passado, nada mais foi do que a luta da pequena burguesia por ascensão, pois naquele momento de industrialização a entrada na universidade significava ascensão social.

A rebelião dos jovens das camadas médias contra a ordem social vigente, na década de 60, resultou da impossibilidade de elas atingirem os alvos de ascensão social propostos por essa mesma ordem. Na raiz, dessa rebelião está a intensificação do processo de monopolização da economia, o qual determinou o deslocamento dos canais de ascensão possíveis para essas camadas, fazendo com que elas dependessem cada vez mais da

*obtenção dos graus escolares, progressivamente mais elevados, exigido pela expansão das burocracias do aparelho governamental e das empresas.*¹¹

No período de 64 até hoje foram muitas as vezes em que os estudantes foram às ruas e, um dos momentos recentes mais significativos foi a campanha pelo impeachment do ex-presidente Fernando Collor. Neste momento os estudantes foram a vanguarda e conseguiram sintetizar a vontade nacional e juntos com os trabalhadores derrubaram o presidente corrupto. Mas foram incapazes de entender o momento que se delineava como revolucionário e dar o passo seguinte, que era, de pôr abaixo toda a estrutura de opressão e exploração do governo capitalista. Era necessário chamar a unidade dos movimentos que naquele momento exigia mudanças profundas na sociedade e os estudantes hegemonizavam a luta pela derrubada do presidente.

*Para um marxista, está fora de dúvida que a revolução é impossível sem uma situação revolucionária, mas nem toda situação revolucionária leva à revolução.*¹²

A situação de classe da maioria dos estudantes, os fizeram, mais uma vez, perder para a pequena burguesia, e de volta às escolas assistiram toda a manobra da substituição de um presidente corrupto por seu vice.

As várias manifestações onde os estudantes encenaram a derrubada do presidente levam a crer que, eles mesmos, não acreditavam na possibilidade de conseguirem isto. Parecem aceitar que eram incapazes de alterar a ordem estabelecida. Na verdade parece que os estudantes aceitam que não são eles os agentes de transformação social, aceitando passivamente um papel secundário na transformação da sociedade.

Essa ambigüidade revela a incapacidade da pequena burguesia de formular e executar um

¹¹ CUNHA, Luiz Antônio. *A Universidade Crítica: o ensino superior na República Populista*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983, p.61.

¹² BLOCH, Gerard. *op. cit.*, p. 23.

*projeto revolucionário. A pequena burguesia, dada a sua situação de classe, reduz, em momentos críticos, as contradições histórico-sociais em conflitos existenciais. Não causa estranheza, portanto, a procura de saída individual. Daí, o movimento estudantil ser considerado, 'celeiro de mandarins' ou 'fornecedores de quadros para o sistema'.*¹³

Na verdade, elementos típicos da burguesia como o romantismo, o personalismo, o voluntarismo, o carisma, foram incorporados pelos estudantes ao Movimento Estudantil.

Como já disse antes, não quero fazer aqui a defesa da hegemonia do proletariado na revolução socialista, mas pelo exposto é inegável as limitações do movimento estudantil, devido a situação de classe dos estudantes, em ser agente puro e simples de transformação social.

A reivindicação pura somente leva à acomodação e impede a transformação. Para realmente ameaçar e romper com o "*status quo*", o movimento estudantil tem de sair dos limites da pequena burguesia e buscar a unidade com os trabalhadores.

A partir do exposto, retorno a questão inicial que suscitou este trabalho. O Movimento Estudantil ameaça o "*status quo*"? Têm ele condições para tanto? A meu ver o Movimento Estudantil, mesmo nos momentos de maior mobilização, não chega a ameaçar a ordem estabelecida. Dados os seus vínculos de classe o Movimento Estudantil, provavelmente, não têm condições de chegar a ameaçar o "*stabliment*". É um movimento da classe média interessado em ampliar suas oportunidades, apesar da forma "radical" com que se reveste em algumas circunstâncias de ascensão do próprio movimento.

Não estou aqui censurando ou diminuindo a importância do Movimento Estudantil, não é esta a questão. Trata-se apenas de estabelecer limites e definir qual seu lugar na luta de classes e de saber que papel representa na luta pela construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

A importância do Movimento Estudantil na resistência ao golpe de 64 e na redemocratização do

país é inegável. Não se pode contar a história do Brasil, a partir dos anos 40 do século XX, sem ressaltar o papel singular dos estudantes na luta por democracia. Não é possível esconder, por debaixo da história, as dezenas de estudantes que tombaram em nome da liberdade de expressão e do direito de uma vida mais digna para todos. Foram muitos os que deram a vida acreditando que liberdade, igualdade e fraternidade não são utopias.

Mesmo quando hoje, apesar da insipiência, grupos de estudantes vão as ruas exigir o fim da corrupção e a punição dos seus responsáveis não há como negar a importância de tal ato, que na pior das hipóteses, esta ajudando a desnudar a face perversa da Social Democracia.

Quando na década de 60, alguns estudantes, optaram pela militância cultural, como forma de politizar e conscientizar o povo, este "ir ao povo" teve algo de paternalista e pequeno burguês. Ao se combater uma política ideológica, "que queria falar e fazer em nome de todos" parece que o Movimento Estudantil cometeu o mesmo erro.

Como prática orientada de forma sistemática, o CPC foi, sem dúvida, a maior expressão da arte engajada na história do país. Vivíamos a crise política desencadeada pela renúncia do presidente da República Jânio Quadros e a sucessão pelo seu vice, João Goulart, quando surge, no final de 1961, o CPC. Criado por jovens artistas, estudantes e intelectuais, tinham como objetivo fazer uma arte concientizadora do povo. O teatro foi sua principal arma. Sob a palavra de ordem "ir ao povo", o CPC atuou em várias áreas da produção artística. Depois do congresso da UNE de 1962 e a criação do projeto UNE-VOLANTE, que percorrerá várias capitais, o CPC se populariza e são criados vários CPCs.

A arte engajada produzida no CPC, pode ser enquadrada nos parâmetros da época que a criou: eleger e transformar o povo, como sujeito a ser conhecido e para ser ajudado no seu conhecer-se. No período que vai de 1961 a 1964, a "descoberta" do povo, as estratégias para sua educação, conscientização, e as preocupações com uma "cultura popular", proliferaram entre estudantes, artistas, padres e intelectuais de norte a sul do Brasil.

¹³ CAVALARI, Rosa Maria. Op. cit., p.282.

A intenção era afirmar o nacional como condição para uma revolução socialista.

O rompimento definitivo com o Estado burguês, não estava na ordem do dia, queria-se que os movimentos populares crescessem à sombra do Estado, aproveitando suas “brechas”,

Toda essa situação define os limites de uma ação cultural que pretendia ser popular e revolucionária. Nesse sentido todas as suas atividades, de um modo ou de outro, evidenciam as diretrizes político-ideológicas da época.¹⁴

Segundo Marilena Chauí as posições cepecistas revelariam uma “iluminação vanguardista autoritária”. Chauí alia as ações do CPC às práticas populistas. O CPC e seus dirigentes, estariam ligados a um projeto político que, em essência, não conseguia sair dos marcos impostos pela burguesia dominante, ou melhor, por uma fração dessa classe.

O CPC teria se organizado em função desse projeto, concorrendo para a institucionalização da arte e do artista, reproduzindo o sujeito da criação

artística enquanto portador de um dizer político que o impedia de descobrir, no processo no qual estava envolvido, um atitude independente do Estado burguês que se propunha combater.¹⁵

Referências:

BAKUNIN. *Estadismo e Anarquismo*. Apud. BLOCH, Gerard. *Marxismo e Anarquismo*. São Paulo: Kairós, S/D

BLOCH, Gerard. *Marxismo e Anarquismo*. São Paulo: Kairós, S/D

CAVALARI, Rosa Maria F. *Os Limites do Movimento Estudantil-1964-1980*. Tese de Mestrado - UNICAMP, 1987.

COHN-BENDIT, Daniel. *Le Gauchisme : remède à la maladie sénile du communisme*. Paris : Seuil, 1968.

CUNHA, Luiz Antônio. *A Universidade Crítica: o ensino superior na República Populista*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

KRAUSCHE, Valter Antônio T. *A Rosa e o Povo: arte engajada nos anos 60 no Brasil*. São Paulo: USP, Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais.

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista*. Petrópolis: Vozes, 1988.

PEREIRA, Luiz Carlos Bresser *As Revoluções Utópicas: a revolução política na igreja, a revolução estudantil*. Petrópolis: Vozes, 1979.

SANFELICE, José Luiz. *Movimento Estudantil: A UNE na resistência ao golpe de 64*. São Paulo: Cortez, 1986.

¹⁴ KRAUSCHE, Valter Antônio T. *A Rosa e o Povo: arte engajada nos anos 60 no Brasil*. São Paulo: USP, 1984, p. 08. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais.

¹⁵ *Ibidem*, p. 12.